

AS NOVAS CONCEPÇÕES DA GEOGRAFIA E O SEU ENSINO NO 1.º E 2.º GRAUS

*Antonio Giacomini Ribeiro**

RESUMO

Neste ensaio é feita a análise sucinta da evolução do discurso da Ciência Geográfica, com ênfase aos acontecimentos que se verificaram após a II Grande Guerra Mundial, em paralelo à sua aplicação às soluções dos problemas da sociedade. A utilidade do conhecimento geográfico no contexto da crise brasileira, sob o ponto de vista da abordagem geossistêmica da paisagem é recomendada, para o ensino de 1.º e 2.º graus.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência Geográfica, ensino da Geografia, paisagem.

THE NEW CONCEPTIONS OF GEOGRAPHY AND THE INSTRUCTIONS ON THE 1.º AND 2.º GRADES

ABSTRACT

On this assay, a succinct analysis is made about the discuss evolution of the Geographical Science, with emphasis on the incidents that was verified before the II Great World War, putting in parallel its application to the problem's solution of the society. The utility of the Geographical knowledge in the context of the brazilian crisis, on the point of view of the geossistemic approaches of the landscape is recommended, to the instructions for the 1.º and 2.º grades.

KEY-WORDS: Geographical Science, Instructions of Geography, Landscape.

1. INTRODUÇÃO

As principais orientações que motivaram as transformações da Geografia, a partir da década de 40 — na Europa e América do Norte — e da década de 60 — no Brasil — parecem ainda não terem encontrado uma forma eficaz de se incorporarem ao universo escolar, destinado à formação dos jovens brasileiros.

A abordagem desta questão pode ser conduzida no sentido de se discutir a utilidade do conhecimento geográfico para a vida do cidadão brasileiro. Este posicionamento pode orientar a opção política do porquê e do para quê ensinar a Geografia às crianças e aos adolescentes. Esta opção política, e também filosófica, se confirma a partir dos elementos contraditórios que organizam a sociedade em que vivemos, coerentemente com a perspectiva de que a paisagem geográfica é produzida pela própria sociedade, ao apropriar-se do espaço da superfície da Terra e valorizá-lo, como fator de produção e fonte de poder.

A realidade espacial imediata ao educando reflete, de maneira inequívoca, o modelo político — econômico adotado pela sociedade. Através da identificação dos sistemas de produção (urbanos e rurais), as relações entre o capital e o trabalho, a

* Professor do Departamento de Geografia da UEM-Área de Geografia Física

apropriação dos recursos naturais e as características do meio físico, dentre outros aspectos da realidade ambiental e social, que podem conduzir ao entendimento da paisagem geográfica, concretamente percebida pelo educando, mas geralmente incompreendida em sua estrutura e em sua dinâmica.

O espaço imediato e concretamente percebido pode ser o ponto de partida para a elaboração de um projeto de ensino, visando a construção de um quadro de referências que possibilite o entendimento da paisagem geográfica, situando o jovem em seu espaço de relações sociais, culturais e econômicas.

2. A EVOLUÇÃO RECENTE DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Na esteira dos movimentos sociais e políticos que marcaram as profundas transformações ocorridas após a II Grande Guerra, encontramos a Geografia despreparada para atender às necessidades dos novos tempos. Até então, as concepções positivistas dominavam a Geografia, tornando-a essencialmente descritiva, sendo trabalhada de uma **perspectiva idiográfica**, cujo alvo era a reprodução do espaço regional, tomado como fato geográfico essencial. Por outro lado, o conhecimento geográfico se esfacelava pelos caminhos da análise, promovidos pela Geografia Sistemática, com excessiva especialização do conhecimento, provocando o surgimento e a evolução de ramos individualizados, como a Climatologia, Geomorfologia, Pedologia, Demografia, etc.

Chamados a colaborar em auxílio da reorganização de um mundo que emergia do caos, os geógrafos não estavam metodológica e tecnicamente preparados para fazê-lo. A necessidade de uma Geografia Pragmática os alertou para as insuficiências das formas usuais de se produzir o conhecimento geográfico. Assim, imperioso tornou-se discutir questões até então pouco freqüentadas: os fundamentos filosófico da Ciência Geográfica.

A crítica em relação à Geografia praticada até então, forneceu os subsídios necessários para as primeiras inovações promovidas no sentido da sua modernização.

A carência mais evidente apresentada pela Geografia Regional, revelou-se pelo excepcionalismo de seu objeto, a região. Os estudos regionais tornaram-se mais um repositório de dados e informações sobre determinados lugares e áreas, que propriamente um conjunto articulado de explicações relativas às interações entre o Homem e seu ambiente, como seria de se esperar, dentro dos cânones usuais do pensamento positivista. Esta insuficiência de objeto foi agravada, inclusive dificultando a evolução deste, pela própria impossibilidade técnica de se desenvolver a contento os propósitos da Geografia Regional. Assim, esta modalidade de produção do saber geográfico estagnou-se, atendo-se apenas à descrição de fenômenos físicos e antrópicos ocorridos na superfície de determinado território.

A Geografia Sistemática, que inicialmente pretendia demonstrar as relações causais da organização dos elementos dispostos na superfície terrestre, apoiou-se nos métodos de análise empregados pela Biologia, ciência que tomou grande impulso na segunda metade do século passado. Entretanto, não dispunha a Geografia do mesmo aparato técnico-instrumental colocado à disposição das Ciências Biológicas, ficando, assim impossibilitada de realizar a síntese que explicaria a organização espacial.

A especialização do conhecimento foi a alternativa encontrada pelos geógrafos, uma vez que, a este nível, seria possível não só utilizar as técnicas das Ciências Biológicas, como também da Física e da Química. As deficiências de método apresentadas pela Geografia Sistemática, provocaram a evolução de ramos especializados das Geociências, mas contribuíram decisivamente para esfacelar a Geografia como ciência pragmática, servindo apenas para o consumo nos bancos escolares, onde o conhecimento humanístico tornou-se um fim em si, com a valorização de informações superficiais à respeito dos povos e dos lugares, como um tipo de cultura a ser memorizada.

A crítica à teoria da Geografia Tradicional colocou em evidência a Geografia Teorética, que passa a apresentar então, uma **perspectiva nomotética**, procurando o máximo rigor científico, desde a proposição de hipóteses, coleta de dados, emprego de raciocínio matemático-dedutivo, a confirmação ou a refutação das hipóteses e, finalmente, a elaboração de leis. O desenvolvimento da metodologia da Geografia contou largamente com o emprego da linguagem matemática; com a evolução tecnológica, principalmente dos computadores e dos satélites; e com o já referido apelo para que o conhecimento geográfico fosse utilizado com finalidades práticas, notadamente com aplicações ao planejamento do uso da terra e de seus recursos.

A Geografia Teorética também ficou conhecida como a Nova Geografia, apoiada filosoficamente no Estruturalismo, que passa a explicar o espaço geográfico através do arranjo que os atributos geográficos assumem no próprio espaço. Alguns equívocos foram praticados sob este rótulo, como o uso excessivo da quantificação, tornando-se praticamente um fim em si e não mais um instrumento à disposição do pesquisador. O tratamento dispensado ao Homem, como sendo desprovido de vontades e necessidades, apenas para ser contabilizado estatisticamente, também parece equivocado. Além disso, valorizou o arranjo da estrutura do presente, desprezando as injunções de caráter histórico na produção deste mesmo presente.

O discurso da Geografia Teorética valorizou a questão metodológica, mas não se preocupou seriamente com a discussão do conteúdo e implicações referentes ao objeto da Geografia. No questionamento da natureza do espaço geográfico e da paisagem geográfica, indagações como: para que e a quem serve a Geografia, ensejaram a crítica daqueles geógrafos empenhados mais a fundo na problemática social associada à organização do espaço. Concluem estes, que a Nova Geografia nada mais foi que uma nova roupagem, apenas de caráter técnico-metodológico, a vestir as intenções da Velha Geografia, a mesma que sempre serviu aos interesses das classes dominantes, em direção à apropriação do espaço produtivo e à espoliação da classe trabalhadora.

Ainda hoje, a Geografia encontra-se a buscar seus caminhos mais apropriados, através das mais diferentes motivações. Alguns acréscimos são dignos de nota, como o emprego da Teoria Geral dos Sistemas, da Cibernética e da Teoria da Percepção, no sentido de dar à Ciência Geográfica maior aplicabilidade, pela compreensão dos mecanismos que regem a construção do espaço geográfico.

A evolução dos métodos e das técnicas que se aplicam à produção do saber geográfico tem evoluído satisfatoriamente, chegando mesmo a cobrir a lacuna que existia anteriormente, em relação aos demais ramos do conhecimento. Entretanto, quando se questiona o compromisso ideológico do geógrafo, do professor de

Geografia e, por via de consequência, da própria Ciência Geográfica, verifica-se que esta tem tentado, irrealisticamente, manter-se neutra, pelo menos a julgar pelas aparências. Em verdade, tem se mantido, desde que se vestiu de caráter científico, à serviço das classes dominantes, pelo auxílio que tem prestado na manutenção do Imperialismo e do Colonialismo, das diferenças sociais e da máxima espoliação dos recursos da Natureza, em benefício de poucos e prejuízo de muitos.

A grande evolução do conhecimento humano, ocorrida durante o período do Renascimento, verificada justamente pela necessidade de revolucionar e renovar a Sociedade, em oposição ao Estado Feudal e à ditadura eclesiástica, obscurantistas e tiranos, com seus objetivos claramente delineados: o domínio da Sociedade através de sua própria ignorância. Com a implantação do Estado Burguês, apoiado nos fundamentos do Racionalismo e do Positivismo, a ciência tornou-se conservadora, passando à condição de prestadora de serviços à classe dominante, transformando (ou mesmo criando) a Geografia em instrumento técnico-científico neutro e servil, com a finalidade de orientar o capital aos melhores e mais seguros investimentos na apropriação e reprodução do espaço geográfico.

O questionamento da Teoria da Geografia acabaria por conduzir, inevitavelmente, à discussão de seu compromisso ideológico, possibilitando o surgimento da Geografia Crítica, que se apóia no método historicista do materialismo dialético. Desta forma, a elaboração da paisagem geográfica dar-se-ia pela vontade e pela mão do Homem, constituindo-se, a paisagem, o próprio reflexo visível da sua vontade. Uma vez refletindo a vontade de determinado segmento da Sociedade, a paisagem geográfica constituir-se-ia em um dos instrumentos de expressão desta vontade, no sentido da perpetuação deste segmento (classe social) no domínio da terra, dos sistemas de produção e do próprio poder.

É de aceitação geral entre os pesquisadores brasileiros dedicados à Ciência Geográfica, que esta encontra-se frente ao impasse entre continuar na categoria de prestadora de serviços às classes dominantes ou exercer um papel mais amplo na transformação e renovação da Sociedade, através do retorno à sua condição revolucionária, na busca de uma Sociedade mais igual, também em benefício daqueles que constróem a paisagem geográfica.

3. A UTILIDADE DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO NA ATUALIDADE

Uma questão mais ampla deve ser antes proposta, a da própria utilidade do conhecimento e, em especial, do conhecimento científico.

O que é ciência?

Para que serve a ciência?

A quem serve a ciência?

A produção, a reprodução e o armazenamento do saber pela Sociedade sempre se fez, evidentemente, em seu próprio benefício. A busca do conforto, pela superação das adversidades do meio; a procura do alimento, em competição entre outras espécies animais; além da dominação do Homem pelo próprio Homem, estimularam e ainda estimulam a produção sistematizada do conhecimento, através de métodos e técnicas que possam se reproduzidos em tempos e lugares diferentes.

A ciência é renovadora e revolucionária, pois produz o conhecimento que tem a capacidade de transformar as formas de agir dos grupos sociais que dela se utilizam. Assim, a produção do saber possui uma reação dialética com a própria Sociedade que a produz. Aos novos conhecimentos que são colocados à disposição da Sociedade, novos comportamentos são desencadeados, fazendo com que a Sociedade se realimente e se reestruture à força de sua própria evolução. Aí, então, está o papel revolucionário da produção do conhecimento.

Entretanto, a Sociedade não é homogênea. Os benefícios do saber científico não são democraticamente distribuídos; muito pelo contrário, estas benesses são, antes, fonte de dominação e opressão, ficando às classes oprimidas com as migalhas e os subprodutos do progresso tecnológico.

A redefinição dos rumos teóricos da Geografia tem passado, necessariamente, pelo questionamento de seu compromisso ideológico e cabe ao pesquisador e professor da disciplina, a opção que melhor se amolde às suas raízes culturais e filosóficas. Particularmente, tenho acreditado na função social e democratizante do conhecimento geográfico e tentado, na medida do possível, trabalhar neste sentido.

Considerando-se a escolha declarada anteriormente, faz-se mister apresentar as suas bases conceituais, em relação ao objeto, ao método e à aplicabilidade do conhecimento que se pretende atingir.

A discussão em torno do objeto da Geografia, prende-se ao visível, mas nem por isso menos concreto, os mecanismos que engendram a construção da paisagem percebida. Assim, é a paisagem, o objeto da Geografia, conceituada como sendo, **“numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua mudança”** (conceito de Bertrand, modificado).

O estudo da gênese, da evolução e da organização das paisagens na superfície terrestre, pressupõe a unicidade do saber geográfico. Para atingi-la são necessários procedimentos metodológicos básicos e integrados à metodologia geral da ciência. Consideram-se válidos aqueles passos adotados pela Geografia Teórica, da mesma forma que o método indutivo pode ser aplicado a um grande número de casos. Dada a complexidade do objeto da Geografia, este pode ser abordado por ângulos diferentes, correspondendo a caminhos metodológicos também diferenciados. Entretanto, na elaboração da síntese da paisagem, torna-se necessária a adoção de um tratamento que promova a integração e unificação dos dados destinados a construir e reproduzir conceitualmente a idéia da paisagem geográfica.

Abordando a temática de forma mais específica, a respeito da utilidade do conhecimento geográfico na atualidade, contrapõe-se uma indagação equivalente: final, para quê ensinar Geografia às crianças e aos adolescentes?

Retornando à questão da produção do conhecimento científico, destinado à libertação do Homem e à renovação da Sociedade, o ensino escolar não deve apenas existir para reproduzir e perpetuar os modelos da Sociedade atual através das gerações, mas deve, antes de tudo, transmitir os conhecimentos gerados pela ciência e os próprios modos de aquisição de novos conhecimentos. Assim, o ensino e a ciência são

agentes revolucionários, plasmadores do futuro, em função das dificuldades do presente.

O conhecimento das relações sociais que possuam repercussão na organização das paisagens, das conexões entre elementos naturais da paisagem, sob o prisma antrópico da construção desta mesma; a racionalização do espaço percebido, entre outros, são conhecimentos que conscientizam e situam o cidadão, não apenas na superfície terrestre, mas principalmente no espaço social que dirige suas ações, mas que, ao mesmo tempo, pode oferecer aberturas para o desenvolvimento de suas potencialidades como indivíduo ou como classe social organizada.

No caso específico da realidade brasileira, há muito o que se demonstrar ao educando, servindo, de início, para situá-lo no contexto de crise em que vivemos, desde a organização de seu espaço familiar, até a estruturação do Mundo Atual, das superpotências aos reinos da miséria do Terceiro Mundo, passando pelos quadros de paisagens locais, regionais e nacionais, organizadas ao sabor dos interesses políticos e econômicos os mais variados, mas sempre visando a apropriação dos recursos da Natureza e do trabalho das classes oprimidas, pela minoria dominante.

O estudo da paisagem geográfica, a diferentes escalas, colocaria a criança e o adolescente em contato com o mundo que o rodeia, mas com a ressalva de que este estudo deve conduzir à aquisição de um conhecimento que nele desperte a consciência crítica e o interesse pela ação, no sentido da recriação de novos conhecimentos, incentivando a descoberta através da razão e do espírito crítico e revolucionário, contido nas entrelinhas de todo novo saber.